

O Potiguar

Ano III

Nº 16

Dezembro 99

Distribuição Gratuita





CANÇÃO PARA NATAL

Nelson Freire

Se você passar por aqui / Não pode deixar de ver / A Redinha, o sol, a lama / As águas do Potengi / O farol no alto do morro / Dunas brancas que nem lençol / Essa brisa que embala morna / A eterna cidade do sol / Se você passar por aqui / Não pode deixar de ver / A barreira, o sal, o forte / O Cajueiro de Pirangi / O farol no alto do morro / Dunas brancas que nem lençol / E essa brisa que embala morna / A eterna cidade do sol / Em Natal / A canção tem mais beleza / Em Natal / O amor é mais amor / São mais lindos seu mar / E os seus coqueiros / Suas praias, seu sol / Tem mais calor.

CIDADE AMOR

Fernando Luiz e Glorinha Oliveira

O sol, o céu e o mar / Em cada canto eu encontro razões para um sorriso / A cada dia que acontece / Eu faço uma prece / Por viver em você Natal / De dia, o sol, calor / De noite, um convite ao amor, ao prazer / Natural, tudo bem Natal / Eu vivo feliz, porque vivo em você / Ladeira do Sol, Forte dos Reis Magos, Via Costeira / Rio Potengi, Redinha, Pirangi / Te amo inteira / Cajueiro frondoso, clima gostoso, verde natural / Numa canção não dá, para mostrar o quanto eu amo Natal.

AQUI É MEU LUGAR

Manassés Campos

Meu amor é uma cidade, menina / Bem na quina

do Brasil / Minha cidade / É uma morena tão linda de vestido azul anil / O Passo da Pátria é a nossa verdade / Pedra do Rosário aqui é o meu lugar / Se o rio tem lado / Que passe e me leve / Pois é do outro lado que mora o meu coração / E o trem quando sai lá da Ribeira sempre leva a saudade de alguém / O rio beira a minha pátria mãe gentil / Ferreira diz que Santos Reis é d'além mar / Santa Mãe Luiza nos encha de xotes / Xaxados, merengues e maracatus / Baiões e dobrados / Galopes e frevos / Farol ilumina / A nossa canção / Meu amor é uma cigana como uma negra pinta no olhar / Felicidade / Bate aqui, bem no meu coração / Feito batuque em Ponta Negra / Na beira do mar / Meu coração / Não sei porque bate feliz / Quando te vê.

NATAL EM MIM

João Salinas

Tudo que nasce daqui / É rico é mistério / O mar reflete a beleza / Praias enfim / O prazer da terra / Os frutos, o sumo rega da boca o mel / Minha cidade, mina paisagem / Farol sinal, fonte de luz / Via Costeira assim banhada / Cores de areia beira mar / Aqui se vive por amor / Natal é assim / Alegria de um povo Feliz / E deságua o Rio Potengi / Dalí o pôr-do-sol / Poema de cantar jorra do céu / Que caem em versos / De amor.

ESQUINA DO CONTINENTE

Pedrinho Mendes

Areias e pedras se encaixam na Praia do Forte / O rio é tão grande e é norte estrela dos magos / Coqueiral, nas palhas a luz de uma lua / E o farol, Mãe Luiza uma luz que é tão sua / A ponta é uma negra que aponta visão de um quadro / Passeio costeira serpente de dunas e mares / O lual arrasta uma festa marinha / Pôr-do-Sol, Potengi aí de mim sem Redinha / O sol está prá qui como a lua nasceu prá São Jorge / O céu vai se abrir quando o azul descobrir o avião / Um barco no mar sobre a linha horizonte da terra / Bonfim e a lagoa Extremoz, água purá na mão / Praia de Touros, ponta do calcanhar / Uma esquina, uma fronteira no mar.

EXPEDIENTE

Diretor

-João Gothardo D. Emerenciano

Editor

-Moura Neto

Revisão

-João Gothardo D. Emerenciano

-Giuliano Emerenciano Ginani

Programação Visual

-J. M. Vieira

Capa

-Adrovando Claro

Gerente Comercial

-Carlos Frederico Câmara

Impressão

-Gráfica Nordeste

O Potiguar

Avenida Prudente de Moraes, 625-Tirol-Natal/RN-CEP:59 020-400

NATALSOL

VIAGENS & TURISMO LTDA

EMBRATUR 08955-00-41-8

Rua Trairi (em frente ao Camarão do Olavo)

Fone: 211-5529 - Fax: 211-2509

Lenda da fundação de Natal

Natal já hoje é antiga e será eterna como o mundo, porque nasceu envolta na lenda.

Rezam velhas crônicas que quando Jerônimo de Albuquerque, no intuito de fundar uma cidade cujo nome lembrasse o natalício de Jesus de Nazaré, aprobeu para esta bandas, apareceu-lhe no convés da caravela que bordejava fora da barra, incerta do ancoradouro, uma criança divinamente bela que lhe apontou o rumo do porto seguro e do seguro abrigo. Vasta floresta cobria o solo rico de selva virgem de ser humano. O índio bravo passava de lado deslumbrado pelos clarões que iluminavam a floresta e amedrontado pelo som de vozes estranhas que estrondeavam como trovões. Havia a tradição de ser ali o paraíso escolhido pelo Senhor para lhe prestarem culto na terra.

E a cidade surgiu nesse mesmo dia, à sombra da Cruz, em honra do Senhor. Desencadearam-se, porém, as paixões indomáveis. O ódio, a vingança, a cobiça, substituíram, a virtude, a paz e o amor, o sangue derramado tingiu de rubro o solo virgem; as árvores da floresta caíram feridas de morte pelo fogo e o machado destruidores; o homem deu caça ao homem. Veio um dia o

furacão, encrespou as ondas e cavou o fundo do mar, donde tirou um lenço de areia alvíssima com que envolveu a cidade do Senhor como



num sudário. Ao longe, de mar a mar, cíclopes de areia ficaram velando a execução do castigo.

Mas a semente plantada na terra dantes abençoada foi medrando, foi medrando, e travou-se dentro em breve, a luta da vida que desponta contra a areia do deserto que asfixia. À pouco e pouco, formaram-se os oásis, onde

o homem nasceu, cresceu, viveu, amou e morreu. Mas, sempre intensa e forte, sem tréguas e sem mercê, a luta da semente que quer medrar no deserto de areia que a quer matar, até o dia em que a criança, que guiara a bordada da nau de Jerônimo de Albuquerque, bradou do alto do **Perigo Iminente**:

O' tu, cidade bendita, que soubeste viver sob o sudário de areia, sem blasfemar a vida:

O' tu, que escreveste a primeira epopéia da coragem guerreira de Felipe Camarão:

O' tu, que engendraste a alma forte de Miguelinho e o espírito varonil de André de Albuquerque;

O' tu, que presidiste a eclosão da atividade industrial de Juvino Barreto e da caridade cristã de João Maria;

Tu, que foste o berço onde se aninhou o sonho alado de Severo e a crisálida donde partiu o gênio criador de Pedro Velho;

Tu, que Auta de Sousa purificou com a prece imaculada de seus versos e Segundo Wanderley enalteceu com os arroubos de sua inspiração; - **Surge et ambula!**

Manuel Dantas

Extraído da plaquete Natal daqui a cinquenta anos, Natal, 1909

Cursos de Verão



DISQUE EXTENSÃO

215 1104

UP

**UNIVERSIDADE
POTIGUAR**

**PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO
E AÇÃO COMUNITÁRIA**



Mascarenhas Homem

Que pretendemos, afinal, comemorar?

Preparam-se os governos do Estado e do Município, as instituições culturais e de educação, as associações, a Igreja, os clubes de serviços e, por extensão, praticamente são despertados vários dos setores ativos da sociedade norte-rio-grandense para o que deverá ser a grande festa comemorativa do Quarto Centenário que, a exemplo de São Paulo e do Rio de Janeiro, teremos que comemorar antes que se encerre o presente milênio. Sobre o assunto, o eminente acadêmico Diógenes da Cunha Lima, presidente da ANL, já tomou algumas iniciativas e vem se pronunciando na Imprensa, no Rádio e na Televisão.

Há, porém, a questão principal a ser debatida publicamente, o que entendemos iniciar com este modesto artigo, pois nos parece que não foi definido até agora o que afinal se pretende comemorar: se o Quarto Centenário da conquista da Capitania e atual Estado do Rio Grande do Norte, ou se o Quarto Centenário de fundação da cidade do Natal que, segundo alguns dos nossos historiadores teria surgido dois anos depois que as forças chegaram com Manuel

Mascarenhas Homem, a mando do governador geral D. Francisco de Sousa, efetuaram a conquista do Rio Grande, expulsando daqui o francês contrabandista e pacificando as tribos por estes levantadas.

O ideal, a nosso entender, seria que as comemorações do Quarto Centenário se desenrolassem ao longo de 1997, vez que a esquadra de seis navios e cinco caravelões adentrou o Potengi na manhã de 27 dezembro de 1597, cuidando imediatamente os seus tripulantes da construção de defesas de paus de mangue e barro com que se preveniram dos ataques mortíferos dos arcabuzeiros franceses em número de cinquenta, e de infinitas hordas de guerreiros indígenas, que não lhes deram trégua.

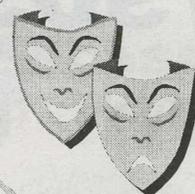
Este, a nosso entender, é o grande momento a ser comemorado, pois corresponde à saga épica de quase dois anos, durante os quais as forças da conquista tiveram que se desdobrar para levantar as paredes do Forte enraizado no recife da praia, conquistar as cacimbas de água salobra com que se dessedentavam, manter à distância o inimigo e dar início à construção dos primeiros abrigos ou moradias que foram, afinal de contas, os embriões da povoação depois chamada orgulhosamente de cidade.

É bom que recordemos que as pazes, obtidas somente a partir da

Núcleo Cultural

Augusto

Maranhão



participação dos padres catequistas na negociação os indígenas, foram conquistadas dezoito meses após a chegada de Mascarenhas, sendo comemoradas na Paraíba a 11 de junho 1599, com a participação da maioria dos Potiguaras e chefes das forças de conquista, como Manuel Mascarenhas, Feliciano Coelho e Alexandre de Moura, para citar apenas os de maior importância político-administrativo no momento, e também dos religiosos, entre os quais o franciscano Bernardino das Neves, profundo conhecedor de língua geral, e o padre Francisco Pinto, futuro mártir dos Tocarijus da Ibiapaba.

Quanto à cidade do Natal, que nem sempre teve este nome, muito ainda se precisa saber para se fixar a data de fundação, tida como 25 de dezembro de 1599. Incerto também é o nome do seu fundador, que mais parece ter sido Mascarenhas Homem ou João Rodrigues Colaço do que Jerônimo de Albuquerque, como até alguns anos atrás pretenderam os nossos historiadores. É verdade que o nome **Cidade do Natal** já consta do **auto de repartição das terras** (do Rio Grande) em fevereiro de 1614, como observa Câmara Cascudo. No entanto – e a ainda Cascudo que adverte – “houve nome anterior deixando vestígio na história e cartografia erudita: Cidade dos Reis”.

Informando por seus irmãos de hábito Frei Bernardino das Neves e Frei João de São Miguel, que testemunharam o início da colonização do Rio Grande, Frei Vicente do Salvador, que em 1627 escreveu a primeira História do Brasil, registra o

seguinte: “Feitas as pazes com os potiguares, como fica dito, se começou logo a fazer uma povoação no Rio Grande uma légua do forte, à qual chamam Cidade dos Reis”.

No livro da **Razão do Estado do Brasil**, do sargento-mor Diogo de Campos Moreno, há um mapa de João Teixeira fixando, em 1612, o nome de Cidade dos Reis. O Marquês de Bastos escrevendo em 1654, chama Natal de Cidade dos Reis. O Janvier de 1782, chama-a Natal los Reys ou Rio Grande. O Zurniri, de 1709, registra Natal los reys. No Guilher Sanson, de 1679, é Natal ò los Reys. O Voungdy, corrigido por Lamarche, registra Natal los Reys ou Rio Grande. O Lapier de 1814, cita Ciudad Nova ou Natal. Decide-se pela última na edição de 1820, Melchior Estácio do Amaral, escrevendo sobre o naufrágio da nau **S. Mago**, diz que a cidade chamava-se de Santiago, tinha três casas de pedra e cal. Southey faz referência à cidade informando que a mesma fora fundada com a denominação de Santiago, passando posteriormente a chamar Três Reis. Curiosamente ele também informa que João Rodrigues Colaço foi o encarregado de fundar o Forte dos Reis Magos, no que comete equívoco. Colaço foi apenas o primeiro governador do Forte, porquanto também primeiro capitão mor da capitania do Rio Grande.

Durante o domínio holandês, a cidade passou a se chamar New Amsterdam, Nova Amsterdam ou simplesmente Amsterdam, conforme Cascudo. Joan Nieuhof,

contemporâneo dos fatos, cita que a cidade acima do Rio Grande chama-se Amsterdam e é de pequena importância. Em 1817, Aires do Casal escreve na **Cosmografia Brasílica** que o nome da cidade era Natanópolis.

Os holandeses George Maregrave e Johannes Vingboons chamaram-na de Natal.

Natal foi fundada numa data especial, já determinada ou escolhida, ou nasceu com a conquista, o Forte e as lutas iniciais da colonização? À falta de um consenso, o melhor é considerá-la nascendo com a conquista, que vai de dezembro de 1597 às pazes com os indígenas em junho de 1599.

O nome dado à cidade homenageia, sem dúvida, a data comemorativa do nascimento de Jesus de Nazaré, o Salvador de toda a humanidade. Talvez não se refira, no entanto, ao Natal de 1599, supostamente entendido como sendo aquele em que foi a cidade fundada, mas ao de 1597, quando adentraram o Potengi as forças conquistadoras vindas de Pernambuco sob o comando do capitão general e governador Manuel Mascarenhas Homem, a quem de início tudo ficou subordinado no Rio Grande e a quem devemos indubitavelmente a conquista e, por extensão, a cidade.

Nilson Patriota

*Transcrito do Jornal O POTI,
edição de 25/06/95.*



HIPÓCRATES
COLÉGIO E CURSO

EDUCAÇÃO INFANTIL - (PRÉ-ESCOLAR)
ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO - (1º E 2º GRAUS)
CURSINHO PRÉ-VESTIBULAR - "A EQUIPE QUE MAIS APROVA"

- Colégio Hipócrates Zona Sul
Educação Infantil - Ensino Fundamental e Médio
Alameda das Mansões, s/n - Candelária
Tel: (084) 206-7729/206-8069
- Colégio e Curso Hipócrates
Ensino Fundamental e Médio
Cursinho Pré-Vestibular - "A Equipe que mais Aprova"
Rua Jundiá, 421 a 432 - Fone: (084) 221-4488

- Colégio Hipócrates Ponta Negra
Ensino Fundamental e Médio
Acesso pela Av. Eng. Roberto Freire, por trás do
Restaurante Tábua de Carne

- Colégio Hipócrates - João Pessoa
Ensino Fundamental e Médio
Cursinho Pré-Vestibular - "A Equipe que mais Aprova"
UNIDADE I - EPITÁCIO - Av. Epitácio Pessoa, 3955 - Fone: (083) 247-2294
UNIDADE II - BESSA - Rua José Ferreira Ramos s/n - Bessa - Fone: (083) 246-1811

- Colégio Hipócrates - Zona Norte
Ensino Fundamental e Médio
Cursinho Pré-Vestibular - "A Equipe que mais Aprova"
Av. Doutor João Medeiros, 1292 - Panatis I - Fone: (084) 214-2947

NATAL



Padre João Maria entre os humildes - Óleo - Moura Rabello

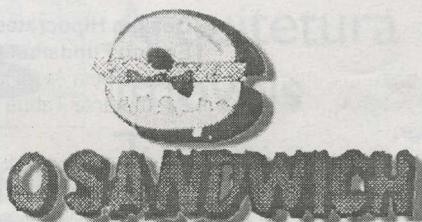
O meu Natal é ainda o Natal do menino boquiaberto de olhos arregalados para os céus, catando entre as nuvens o vulto do Jahu de Ribeiro de Barros, dos ratos voadores do generalíssimo Balbo e da silhueta bojuda do Graff Zeppelin. O Natal contrito do Pe. João Maria. Natal dos veraneios em casas de taipa e palha da Redinha, Praia do Morcego e Areia Preta – quando se tomava banho de mar por prescrição médica. Natal transtornado com a baleia morta e fétida no Poço do Dentão. Natal dividido e vibrante nas manhãs de Centro x Esporte, nas tardes de América x A.B.C., e nas noites de Cordão Azul x Encarnado. Natal

briguento do Capitão Everardo de Vasconcelos e dos seus mais briguentos galos de briga. Natal panfletário de Bruno Pereira. Natal democrata das eleições de José Augusto Bezerra de Medeiros. Natal menino das séries de Henry Carrey, Tom Mix e Tim Mc Coy, no cinema de seu Leal, com Paulo Lyra e seu roufenho piano. Natal ansioso dos sertanejos que do cais Tavares de Lyra assistiam o morrer do dia olhando as nuvens de chuva do poente. Natal moleque das peladas do Campo do Triângulo, com Zé Tamaru e João Calango, ali bem perto do esquecido bairro da Solidão. Natal cívico do Prof. Luiz Soares e seus escoteiros. Natal feminista de

Júlia Barbosa. Natal boêmio das serenatas de Macrino. Natal tranqüilo onde nas águas do Potengi boiava o transatlântico Lucas Bicalho e voava a guarnição dos Papagaios Voadores. Natal patético quando o anjo-louco Djalma Petit rabiscava diabruras nos muros dos céus. Natal Sherlock do Capitão Joca do Pará. Natal mecânico de mestre Elias Galvão e das intrincadas indústrias de Chico Azevedo. Natal clássico de Waldemar de Almeida e das escalas do tenor Alcides Cicco. Natal heróico, praça de guerra, sentinela do Atlântico e trampolim da Vitória. Natal deslumbrado, festivo e embriagado com a retomada de Paris. Natal lírico na prosa e no traço de Newton Navarro e no verso de Otoniel, Itajubá e Zila Mamede. Natal alegre das histórias de Zé Herôncio, Salviano Gurgel, Zé Areias, Luís Tavares e Arsênio Pimentel. Natal inconseqüente dos bate-papos do Grande Ponto – herdeiro urbano do Café Avenida – em companhia de Armando Viana, Serejo, Arsênio, Antônio Pinto, Zé Gonçalves, Leonardo e o cego Lula. Natal dos amigos vivos e dos que nos esperam para o reencontro de finítimo na paz de intramuros do nº 1.050 da Rua Fonseca e Silva, no Alecrim.

Oswaldo Lamartine de Faria

**No seu caminho
sempre tem**



**DISK
SANDWICH**

**236-2667
202-2109**

Segunda abre de 16:00 até 1:00h
Terças e Quintas das 12:00hs até 1:00h
Sextas e Sábados das 12:00hs até 5:00 da manhã
Domingos e Feriados: das 12:00hs até 3:00hs

Shopping Center Cidade Jardim - Loja 14
Av. Afonso Pena, 433 - Petrópolis
Estrada de Ponta Negra, 9090
Via Direta Outlet Shopping - Loja J4

LE MONDE MARCHE: O OÁSIS DAS LETRAS

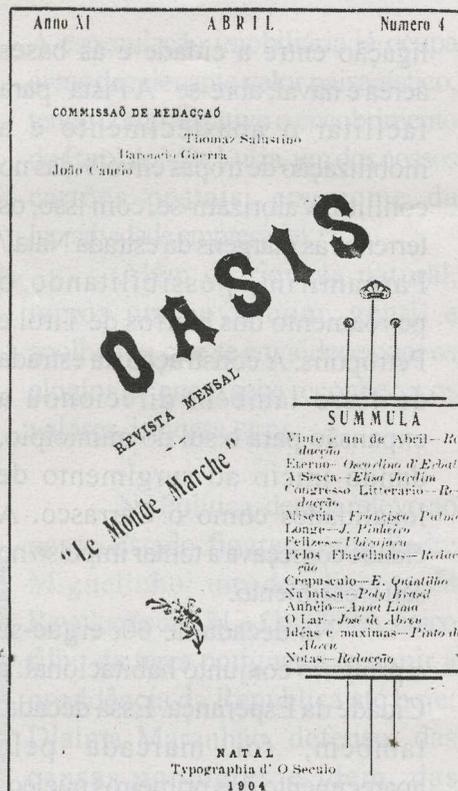
A provinciana Natal da última década do século passado, com uma população de aproximadamente 15 mil habitantes distribuída nos seus dois bairros característicos – Ribeira e Cidade Alta – de topografia escassa com poucas ruas calçadas e iluminação incipiente, vivenciou uma das fases mais fecundas da literatura indígena.

A proliferação de jornais e revistas, patrocinadas pelas agremiações literárias, era produto de uma época em que aparecer na imprensa causava receio, porque tudo era lido e discutido nos meios literários, principalmente nos CANTÕES, locais onde se reuniam grupos de intelectuais, funcionários públicos graduados, políticos e comerciantes, quase sempre reunidos na residência de um deles.

Na Cidade Alta, eram bastante concorridos os seguintes CANTÕES: da Gameleira, o mais antigo e temido pela crítica sempre ferina, situado à Praça da Alegria, atual Praça Padre João Maria; o da residência de Urbano Hermilo, onde eram excluídos os assuntos políticos; o da residência de Celestino Wanderley, de predominância familiar e freqüentado por senhoras e senhoritas; o do Potiguarânia, localizado no bilhar de Ezequiel Wanderley, na rua da Palha, atual Vigário Bartolomeu. Na Ribeira existiam dois CANTÕES: o da farmácia de Zé Gervásio e outro localizado na vizinhança do Hotel Internacional, na avenida Tavares de Lira, ambos eminentemente políticos.

Nessa efervescência das letras surgiram várias associações, dentre elas, o Grêmio Literário “LE MONDE MARCHE”, fundado a 9 de setembro de 1894, constituindo-se em um dos capítulos mais expressivos da história literária da potiguarânia.

O quadro de sócios era composto por jovens, na sua maioria estudantes do Atheneu, que possuíam como capital uma grande dose de idealismo e uma grande vontade de



vencer. Em 1900, o grupo era constituído por Alfredo Carvalho, líder e espécie de guru da agremiação, Cícero Moura, Cornélio Leite, João Cândia, Hervêncio Mariano, Uldarico Cavalcanti, Aurélio Pinheiro, os irmãos Fernandes (Sebastião e Raul), Antônio Soares, Alcino Carneiro, Galdino Lima e Pedro de A. Pessoa de Melo.

O seu órgão na imprensa era a revista OÁSIS, vindo à luz em 15 de novembro de 1894, impressa na sede da agremiação, situada num cubículo mobiliado com uma mesa, um armário, quatro cadeiras, além da oficina tipográfica: três caixas de tipos e um prelo manual. A revista era escrita, composta tipograficamente e distribuída aos seus leitores pelos sócios do LE MONDE MARCHE.

As novidades literárias eram trazidas do Recife por Sebastião Fernandes e Galdino Lima, acadêmicos de Direito, que atualizavam o grupo com relação às publicações da Mauricéia e além fronteiras.

Freqüentemente as páginas da revista OÁSIS, Antonio Marinho, o nosso

primeiro crítico literário Tupiniquim, Celestino Wanderley, autor do livro de poemas “AURORA”, Auta de Souza, “a cotovia mística das rimas”, Sebastião Fernandes, autor de “ALMAS DESERTAS”, Segundo Wanderley, “GÔNDOLAS” e “RECOLTAS POÉTICAS”, Uldarico Cavalcanti, “BANDOLINATAS”, Ezequiel Wanderley, “PRELÚDIOS”, Cícero Moura, falecido na mocidade, autor do livro de poesias “ALVORADAS”, e outros consagrados pelas letras potiguares, além de abrigar os primeiros versos de Ferreira Itajubá e Gothardo Neto.

Concomitante às crônicas, poesias e variedades, OÁSIS apresentava na sua abertura, artigos de características doutrinárias. Escrevia-se, ali, matéria sobre educação, a sociedade, o dever, a emigração de nordestinos para a Amazônia, o cholera morbus, os flagelos da seca a edificação da cidade, a emancipação feminina, o socialismo, etc. Esbanjava-se erudição elementar em referências a gregos e romanos, sistemas filosóficos e religiões, mencionando as figuras de Gobineau, Kepler, Gutemberg, as luzes do século... Em vários colaboradores era evidente a influência da literatura francesa, que se testemunhava, aliás, pelo nome do grêmio, uma alusão a Eugène Pelletan.

A revista OÁSIS deixou de circular em 1904, quando o grêmio LE MONDE MARCHE se dissolveu, legando para a posteridade nomes como o do desembargador e educador Sebastião Fernandes, Auta de Sousa, autora do Horto, livro de cabeceira de Olavo Bilac, Pedro Melo, moço pobre que se fez médico de renome, Aurélio Pinheiro que se tornou romancista em terras da Amazônia e Alberto Maranhão, sócio honorário, que governou o Estado e foi considerado um mecenas das letras e das artes no seu tempo.

João Gothardo Dantas Emerenciano

Natal 400

A cidade do Natal comemora no dia 25 de dezembro de 1999 o seu Quarto Centenário de Fundação.

Tudo começou no chão elevado e firme da Rua Grande (Atual Praça André de Albuquerque) em 1599.

A igreja de Nossa Senhora da Apresentação presidia o crescimento do que, impropriamente, se chamava cidade, pois a população vivia em sítios e granjas próximas ao núcleo de fundação.

Agraciada com uma posição geográfica privilegiada, próxima aos continentes africano e europeu, o primeiro marco de ocupação portuguesa foi a Fortaleza dos Reis Magos em 1598. Era o passo inicial para criar a futura cidade. Essa posição lhe valeu títulos como Esquina do Mundo e Trampolim da Vitória.

A cidade teve, por muito tempo, crescimento lento. Em 1901, a primeira forma de Ordenamento Urbano ou Plano Polidrelli criou a Cidade Nova (Atuais bairros de Tirol e Petrópolis) e abria a Avenida Oitava (Hermes da Fonseca). Mas, foi o Prefeito Omar O'Grady (1926) quem retirou Natal do século XVIII e a encarrilhou no século XX, na opinião de Cascudo.

Muito tempo depois, na década de 40 Natal sofreria transformações radicais no seu crescimento com o advento da II Guerra Mundial e a presença de tropas estrangeiras em solo potiguar.

Nesse período, a cidade torna-se conhecida mundialmente pela instalação de uma base aeronaval em seu território. A partir de então, começam a chegar pessoas dos mais diversos pontos do Estado, do país e do exterior. Quebra-se a rotina provinciana; inicia-se uma nova era lembrada, obrigatoriamente até hoje, na história local. Data dessa época, a

ligação entre a cidade e as bases aérea e naval; abre-se "A Pista" para facilitar o abastecimento e a mobilização de tropas envolvidas no conflito. Valorizam-se, com isso, os terrenos às margens da estrada Natal/Parnamirim, possibilitando o povoamento dos bairros de Tirol e Petrópolis. A construção da estrada de ferro também direcionou a expansão para o sul do município, dando início ao surgimento de localidades como o Carrasco. A cidade começava a tomar impulso no seu crescimento.

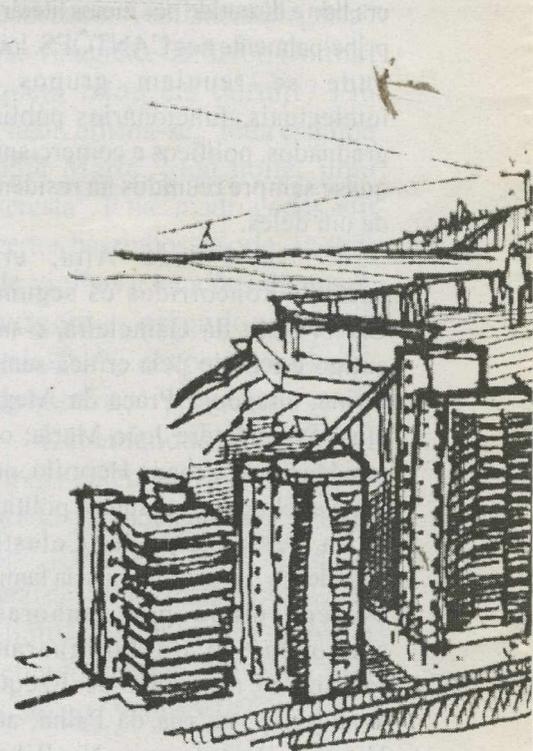
Na década de 60, ergue-se o primeiro conjunto habitacional: a Cidade da Esperança. Essa década, também, foi marcada pelo aparecimento dos primeiros núcleos favelados. Nos anos 70, diversos conjuntos habitacionais começam a surgir na periferia e na década seguinte uma verdadeira "febre" de conjuntos residenciais consolidam o crescimento da cidade do Natal.

Para atestarmos o reverso do que ocorreu nos primeiros anos da ocupação do espaço urbano natalense, basta observarmos que, em 1940, Natal tinha apenas 09 bairros. Vintes anos depois, a cidade passaria a ter 12, em 1970 tinha 15 bairros e chega aos anos 90 com seus 35 bairros tecnicamente delimitados e as suas 27 localidades, distribuídos em 04 Regiões Administrativas: Norte, Sul, Leste e Oeste. Esse crescimento vem sendo disciplinado através de Planos Diretores, Instrumento da Política Urbana, conjuntamente com o Código do Meio Ambiente.

Em 1999, aos 400 anos de existência, Natal já apresenta uma população de 688.955 habitantes. Está interligada ao Nordeste e demais capitais do país por uma rede de rodovias e ferrovias. Como sede do Governo do Rio Grande do Norte,

concentra boa infra-estrutura e equipamentos urbanos; possui atividades industriais em seu entorno e, no seu núcleo, razoável rede de órgãos da administração pública e de serviços privados.

Presenteada pela natureza com uma bela paisagem e pela hospitalidade de seu povo, ingressamos na chamada era da "Vocação natural" da cidade: o turismo que a cada ano, se intensifica. Nossa cidade já aparece como um dos principais destinos turísticos do Nordeste brasileiro. Temos o ar mais puro das



Américas, um litoral de belas e agradáveis praias, dunas, recifes, lagoas, um maravilhoso e romântico pôr-do-sol sobre o Potengi, além do longo período ensolarado (mais de 300 dias) por ano, que nos valeu o título de "Cidade do Sol". O Parque das Dunas é outro referencial a nosso favor, considerado que é, um dos mais importantes parques urbanos, o segundo do Brasil, com uma rica e variada fauna e flora abrigando espécies da devastada Mata Atlântica, que nele ainda se encontra em estado de preservação. Tudo isso encanta até o mais exigente visitante.

O turismo trouxe em sua esteira mudanças inevitáveis. Cresceu o número

anos depois

de empregos, os meios de hospedagem, tendo recebido 737.367 hóspedes segundo dados de 1995, o setor de serviços e de entretenimento. Precisamos disso, é claro. Por outro lado, em grandes proporções crescem os problemas. Com ele, intensificou-se a migração. Recebemos gaúchos, paranaenses, pernambucanos, paulistas e até cariocas, atraídos pela qualidade de vida que a cidade ainda é capaz de oferecer. Que sejam bem vindos, e que nos ajudem a somar esforços no sentido de continuarmos mantendo essa

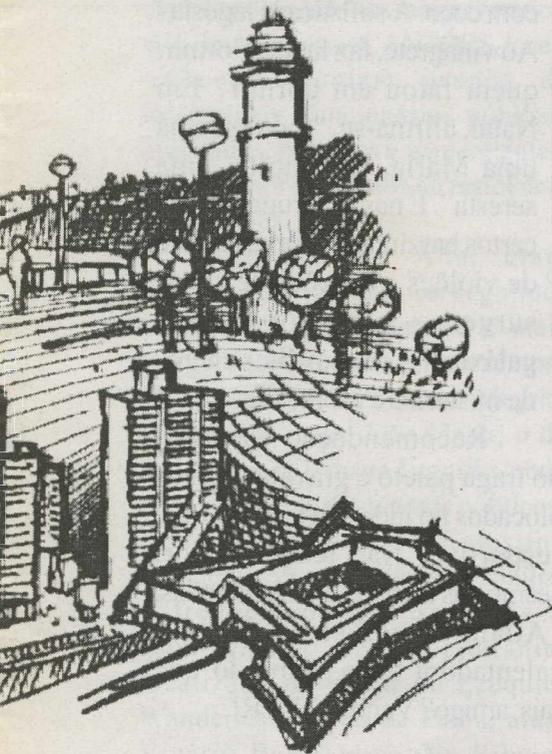


Ilustração: Napoleão Nunes

A especulação imobiliária já ocupa áreas de relevante valor paisagístico, tendo como negativo o encobrimento do Farol de Mãe Luíza, um dos nossos cartões postais, em nome da lucratividade empresarial.

Além da riqueza natural, temos um povo bom, gentil e acolhedor, que se envaidece com os elogios de quem sabe reconhecer os valores da nossa terra.

Na Política, deram relevo ao nosso Estado figuras como Padre Miguelinho, um dos líderes da Revolução de 1817, Café Filho, único filho da terra potiguar a assumir a presidência da República até hoje; Djalma Maranhão, defensor das causas populares e idem, das manifestações culturais do seu povo.

Na cultura, figuram nomes como Ferreira Itajubá, Jorge Fernandes, este último, precursor do movimento modernista na poesia local. E o mestre Luís da Câmara Cascudo, o representante mais significativo do nosso panorama intelectual. Cascudo, quem melhor retratou a vida do nosso povo, a quem conheceu profundamente no contato diário e que amou tanto a terra onde nasceu que se recusou deixá-la por diversas oportunidades. Muitos outros filhos também dignificaram sua terra em diferentes setores de atividades.

Infelizmente, exemplos como esses ainda não foram devidamente assimilados. Ainda falta muito para se poder afirmar que o natalense tenha orgulho de sua história, das suas raízes, do seu sotaque, enfim, do que ele é verdadeiramente. Muitos são os hábitos estranhos à nossa realidade que se incorporam, rapidamente ao, nosso cotidiano, contribuindo para a descaracterização cultural do nosso povo.

Esperamos que na data que ora comemoramos seja dada oportunidade às crianças natalenses, através da escola, de conhecer melhor à sua cidade, terem orgulho de ser natalense e tentar manter o que ainda resta das nossas referências culturais.

Assim poderão compreender profundamente os problemas que aqui ocorrem, já que no futuro, será sua a tarefa de gerir. A produção e divulgação de conhecimentos é tarefa imprescindível para que o cidadão possa estar em condições de acompanhar as transformações que se processarão cada vez mais rapidamente no próximo milênio.

Um bom começo, penso, seria estudar Natal na escola, incentivar o amor à pátria, o orgulho à sua terra, às suas origens e tradições, hoje e nos anos posteriores às comemorações do Quarto Centenário. Quem sabe, assim os cidadãos do futuro celebrariam os 500 anos da cidade de maneira mais enfática, com quem realmente faça parte da sua história. Tais festejos poderiam ser compatíveis com a força que tem tal acontecimento, e não *timidamente* como ora se vê. Seria uma festa do seu povo, dos seus artistas, para todos aqueles que nos visitam, mas, principalmente, para nossa gente.

Desejo que no século XXI possa ser revertido o velho ditado de que "Santo de casa não faz milagres" E que o natalense de todas as idades possa vencer o desafio do próximo milênio, impedir a degradação desenfreada de uma das mais belas cidades do mundo, mesmo 400 anos depois.

Paulo Venturele
Jornalista/Geógrafo

qualidade de vida e bem estar.

Com o aumento da população torna-se fundamental que se busque o desenvolvimento sustentável, o equilíbrio ambiental. Com isto ganhamos todos, reduzimos a poluição em suas mais diferentes formas.

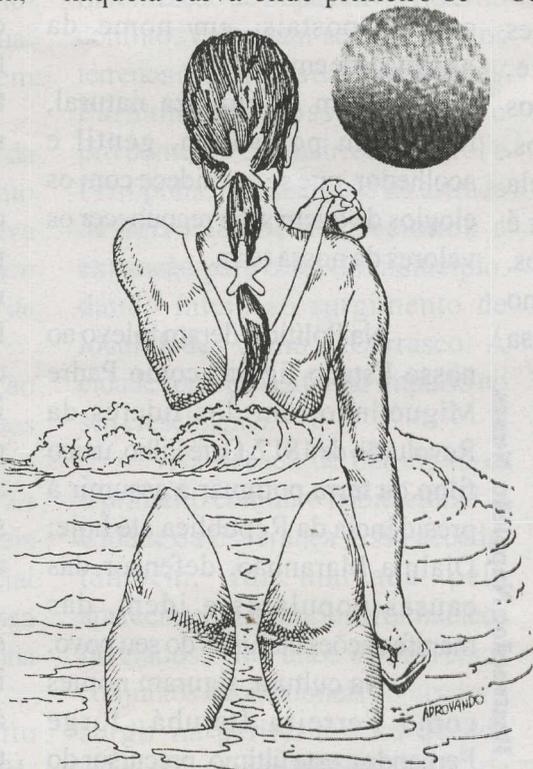
Preocupados com os aspectos positivos, (os recursos financeiros capazes de gerar (US\$532.894.967,26, em 1995), não nos esqueçamos dos aspectos negativos que podem interferir na atividade turística. Já temos 66 favelas, parte delas ocupando áreas de dunas e mangues, necessitando de ações por parte dos poderes público e privado, visando conter esse avanço.

Natal boêmia e encantadora

Você me recomenda amigo do peito e pede que mostre a ele "não a Natal dos insípidos roteiros oficiais mas a verdadeira Natal boêmia e encantadora, Natal cidade-festa, onde cada dia parece feriado". Pergunto: ele é viril, bebe socialmente, está a cavaleiro de restrições médicas quanto a calorias, colesterol, temperos fortes e comidas temperadas, gosta de sol, mar, praias, mulheres bonitas e é portador de sensibilidade para extasiar-se ante um por de sol? Deixe comigo!

É certo que o levarei ao Forte dos Reis Magos, como uma reverência cívico-sentimental à **celula mater** que gerou este burgo. E falarei do índio Poti, o futuro Dom Felipe Camarão, herói da expulsão holandesa. E de André de Albuquerque, chefe da revolução de 1817 que morreu na enxovia de seu quarto escuro, vilmente traspassado por esbirro de **El-Rey**, ele que era o fidalgo tetraneto do fundador da cidade. O conduzirei a Ferreiro Torto, a Igreja do Galo, a Via Costeira, a Pedra do Rosário onde nossa padroeira - Senhora da Apresentação - foi encontrada. Na balastrada de Petrópolis pararei, assim como quem não quer nada, querendo. Para que ele encha os olhos de amplidão, vendo o mar ora verde,

ora azul, lá embaixo, lambendo as alvas areias. Depois, darei uma guinada rumo sul. Com o cuidado de reduzir a marcha para 20 km, naquela curva onde primeiro se



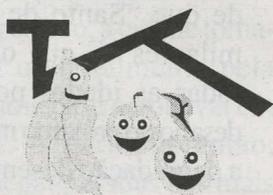
descortina Ponta Negra. Para que sinta a emoção e o impacto do cenário inesquecível. Iremos, se possível, de bote ou lancha, singrando o lendário Potengi, conhecer a amada Redinha e comer, no seu mercado, tapioca e peixe frito. E, se o prezado ainda não chegou à conclusão de que a nossa orla marítima foi presente do Grande Arquiteto, nos meteremos

num bugre puxando cem, pela beiramar, até Genipabu, roteiro obrigatório. E a Muriú, Ilhas do Sul, cabocla linda. É hora do aperitivo? Cana, de mesmo! Caju de conta como parede. Almoço? Carne assada com farofa de bola, cebola verde, macaxeira, inhame, manteiga do sertão. Jantaremos uma peixada. O cozido com pirão e o frito no dendê. Rebatendo com sopa de cabeça de cioba, que a gente é filho de Deus. Camarão? Ensopado, com coco. A sofisticada lagosta? Ao vinagrete, faz favor. Dormir, quem falou em dormir? Em Natal, afirma-se, "toda esquina uma Maria, toda noite, uma seresta". E nas madrugadas, em certos barzinhos da orla, ao som de violões e canções de amor, surgem - oriundos de que galáxias? - certos olhos cheios de mistérios e promessas.

Recomendação especial: não traga paletó e gravata, artigos colocados no index da terra. O traje é esportivo. Não tema o calor. Mesmo nas tardes mais ensolaradas, o Atlântico nos envia suave e acalentadora brisa. Sabe do que mais, amigo? Venha VIVER!

José Alexandre Garcia.

A Ki - Tanda



A SUA CASA DE FRUTAS E CARNES

Av. Antônio Basílio, 2703 Lagoa Nova - Natal/RN
Telefrutas: (084) 231-0715 Telefax: (084) 206-5612

CASA DO PEIXE LTDA

Camarão, Peixe, Lagosta,
Carne de Caranguejo,
Marisco, Ostra e Etc.

Ney Aranha Marinho Júnior
Sócio Gerente

Rua São João, 4 (Canto do mangue) - Rocas - Natal/RN
Tel.: (084) 221-4917/982-2085

Linda pastorinha

Assim que aqui cheguei, fui seduzido por ti, linda pastorinha de presépio.

Teus encantos me envolveram no véu de tuas ruas curvas do Centro. Depois descí a ladeira da Junqueira Ayres onde tinha encontros noturnos com a dama República. Meus dedos tocaram teclados de máquinas e delas fluíram palavras reproduzindo imagens que iam para composição nas linotipos. Letra por letra, as matrizes as transformavam em notícias de louvor a ti.

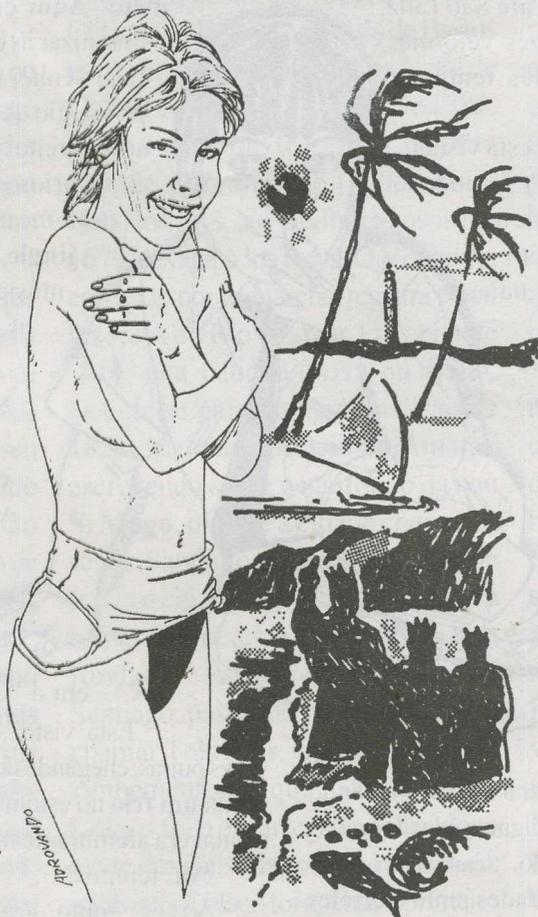
Te amei nas madrugadas da "Quinze" e me enamorei das Rocas, quando todo o bairro parecia um só bloco de escuridões, e ali me entreguei ao gozo de gordos caranguejos com suas patas atraindo-me como apelos ilusionistas.

Te vi da Redinha, na primeira encenação de noivado de minha vida. Vi a bóia-vigia da boca da barra faiscando fosforescência no meio-dia de sol, como lombos reluzentes de peixes saltando barreiras d'água.

Naveguei teu rio calmo num barco farto de brisa cheirando a mangue e explorei as suas margens

no que têm de melhor da fauna e da flora.

Vi as tuas noites riscadas a ponta de faca do farol de Mãe Luíza



como um piscar cadenciado de olhos dengosos.

Testemunhei o sol reclinar no horizonte abrindo um leque de raios laser ao entardecer.

Ouvi encantatórias vozes do

mar saídas das bocas de pedra de Areia Preta e dos arrecifes da Praia do Meio.

Fui teu devoto na Pedra do Rosário e na Santa Cruz da Bica. Casei-me na igrejinha do Rosário dos Pretos, de onde te ofereces nuinha, nuinha, num cenário de alumbramento. E aí quis deitar, da nave ao estuário do meu, do teu Potengi, a jovem felicidade que fora cristãmente celebrada.

Por ti fui gajeiro das Festas de Reis, umbigueiro de bambelô, folião de Momo, João-redondo de teatro, pescador de saúnas fritas, guardião do Forte, leiloeiro de sonhos, coringa e palhaço. Fui cordeiro e boi no rebanho dos dessedentados nos bares da vida. Marquei o corpo com doenças do mundo apanhadas nas pensões alegres da Ribeira.

Fui fantasma de casarões da Rua Chile e andarilho no Canto do Mangue.

Tudo fiz por amor a ti, flor desabrochada em dezembro, encanto e canto meu, mulher antiga com cheiro de água da fonte, sonho e sombra onde quero eternamente repousar.

Celso da Silveira.

CLIMA

Artes Gráficas e Publicidade LTDA

Rua. Dr. Barata, 216 - Fone: 222-3994-
CEP-59012- Ribeira-Natal/RN

LEIA O AUTOR POTIGUAR

SEJA QUEM FOR

O LEITOR E O AUTOR



VENDA DE LIVROS DE CELSO DA SILVEIRA
Av. Alexandrino de Alencar, 1262
CEP 59022-350 - Natal - RN - BRASIL

Um menino descobre Natal

Aroma de café torrado, num Bar ou Café do centro do Alecrim.

Eu menino, oito ou sete anos, meio beradeiro, vindo de Martins passear na capital.

Por muito tempo associei aquela impressão olfativa à idéia geral da cidade. Era o "cheiro de Natal".

Ainda hoje, quando estou no Café São Luiz, em meio a vapores de café, às vezes vejo-me por instantes transportado àqueles tempos mágicos.

Outra impressão das primeiras, esta visual: um carneirinho (ou cachorrinho?) felpudo e branco, brinquedo maravilha, no alto de uma prateleira, no mesmo Café do Alecrim.

Mais imagens surgem soltas na memória:

Cenas de "Os Amores de Pandora", com Ava Gardner, primeiro filme que assisti na vida. Cine São Luiz (muito tempo depois derrubado para dar lugar a uma gaiola de concreto e vidro fumê). Os ônibus (de transporte coletivo, até então, eu só conhecia, o misto de Seu Edvaldo). Os bondes, principalmente. As estampas Eucalol. A certeza de voltar a Martins levando no bolso muitas e novas carteiras de cigarros desdobradas (valiam como cédulas), para a coleção. "Camel", "Lucky Strike", "Luiz XV", "Asa", preciosidades junto das reles "Continental" e "Astória" que eu já tinha.

Estávamos hospedados na casa do meu avô, na Av. Alexandrino de Alencar (o leito da rua era só areia, e terminava nuns morros, rumo do Tirol, pouco além da atual Jaguarari). Lembro-me de uma mulher que sempre aparecia por lá, para tratar de uma questão judicial com o meu avô, então Juiz de Direito. Aliás, lembro-me só do nome da mulher: Agatoelides.

Bom era ver, pegar e comer uns bichinhos de

alfenim, vendidos na "venda" ali perto. Novidade, coisa que não havia em Martins, tal como sorvete em casquinha e **cavaco chinês** (o vendedor se anunciava, de longe, tocando o triângulo, todo mundo se alvoroçava).

Havia outros encantamentos. Mexer no rádio, por exemplo. Lá no interior eu nem sequer poderia pensar nisto. Aqui era diferente. Ligar o aparelho, sintonizar as estações, atento ao "olho mágico", ficar senhor daquela coisa prodigiosa não era privilégio de gente grande. Eu usei e abusei do novo direito.

Curioso é que, de tudo que ouvi no rádio, resta-me na memória apenas o trecho de um **jingle**, anúncio de casa comercial, com música da marchinha "Linda Morena":

"Lá na Ribeira e no Grande Ponto, Impera sempre 'A Capital'".

Nessa época (devia ser por volta de 1950) a Ribeira ainda concentrava muito do comércio varejista. A propósito, outra loja bastante falada (badalada, na linguagem atual), que ficava lá, tinha sido destruída por um incêndio: era a "Quatro e Quatrocentos".

Está visto: Natal fascinava-me. Sempre que, vezes outras, chegando de viagem, aproximava-me da cidade, sentia **um frio** no estômago e o coração disparava. Tudo na capital era alumbramento para o beradeiro de Martins.

Ah, tempos!....

Viver, então, era melhor? Ou seja: colocando a questão em outros termos: é a infância a fase áurea da vida? – ou será que ela fica dourada, quando vista de longe, pela ótica do adulto? Ninguém pode responder com firmeza. O certo é que todos nós temos uma grande ternura para com o menino que já fomos. Sentimento, esse, extensivo a todas as coisas que deslumbraram os olhos surpresos do menino.

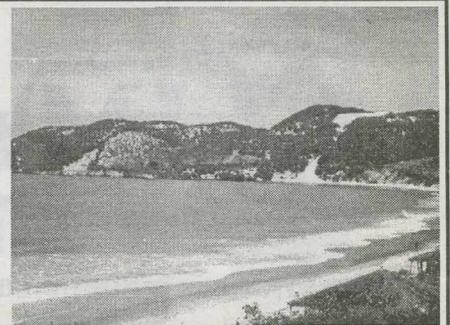
Manoel Onofre Jr.



iglesias

Arquitetura
Imóveis
Turismo

- **PROJETOS, PAGAMENTO FACILITADO.**
- **IGLESIAS COMPRA, VENDE, ALUGA OU ADMINISTRA SEU IMÓVEL.**
- **ALUQUE SEU IMÓVEL NO VERÃO COM LUCRO E SEGURANÇA.**



Rua Pedro da Fonseca, 8989 - Ponta Negra - Natal - RN - Fone: 236-3635 - Fax: 219-4000
Obs.: Casa do telhado branco em frente à torre celular.

e-mail: iglesias@eol.com.br

Minha cidade Natal

O sentimento telúrico gera a saudade quando distanciado se estar da terra-berço. O amor à terra é imanente, nasce com o homem.

Qual o amor que não se aperta com a saudade? Emoção idêntica golpeia o imo do coração quando a juventude é recriada na imaginação proustiana. Voltar ao passado, que doce recordação... que ternura emotiva, em procurar o tempo perdido, envolto às ilusões despedaçadas!

Em silenciosa madrugada, em caminho do Mar, eu senti, evocando a poesia chinesa, eu senti o perfume do passado. É a saudade assaltou-me o espírito com o aroma do jasmim branco e das flores escarlates das mungubeiras.

O tempo não eclipsa a lembrança perenizada na alma.

Alvas praias, onde as manhãs radiosas, de esperança enchiam a alma exultante de vida! Mocidade! Por que fugistes tão cedo, tangida que fostes pelos ventos alados do tempo?

NATAL, cidade que me deu berço, tem sido a morada da minha vida de homem comum. Mesmo ela distante, pelo espaço ou pelo pensamento, fixam-me raízes no seu ventre pétro de Mãe. Fascinam-me as colinas do Tirol e a visão talássica de suas praias desnudas, musa eleita pela ode lírica dos seus poetas maiores.

E o deslumbrante pôr-do-sol do Potengi, que encantavam as pupilas azuis dos olhos de Palmira?

És, Cidade Minha, a segunda Belém do Menino - Jesus! E que tantas bênçãos recebestes da Padroeira celeste, a Senhora iluminada da Apresentação.

Uma cidade, porém, não deve ser considerada, apenas, pelo seu aspecto, físico, visual ou emocional; mas, também, e sobretudo, pela vida realizadora de seus Filhos. Sem eles, ela não vive, mesmo que seja bela e encantadora. O povo é que forma uma Nação, "o seu princípio espiritual", no dizer de Renan.

Vejo, assim, NATAL, como o florido jardim das Hespérides - as filhas da Tarde, "a noiva do Sol", na prece de Câmara Cascudo, a ninfa da juventude, sempre festiva. Sinto-a através dos empreendimentos admiráveis dos seus filhos e pela formosura de suas filhas, qual Afrodite, molhada, saindo das ondas, na arte mágica do pincel de Apeles.

Evoco, o que o vento levou para bem longe: os jogos de voleibol do Centro Esportivo Feminino; o cair da noite na Praça "Pedro Velho". Os banhos de Mar da Areia Preta e o carnaval do Aero Clube. Também evoco, e ninguém pode esquecer, os lindos semblantes das moças bonitas daquele tempo: Arilda Veiga, Edna Furtado, Cordélia

Guerreiro, Norma Medeiros, Maria Antonia Navarro, Mariáh Miranda, Ivone Dantas, Vilma Pinheiro (campeã de voleibol) e Gláucia Garcia, que mereceu, esta última, pela sua beleza, um canto poético de Esmeraldo Siqueira, intitulado "A Flor do Tirol". Lembro-me, ainda, do desfile da passarela dos artistas do "Grande Ponto", penteados a "gumex": Carlos Lira, José Garcia, Jair Navarro, Mozart Romano e Rômulo Maiorana... E o surfista sem prancha, Nilsen Carvalho, que se adentrava no mar bravio a procura da sereia encantada!?



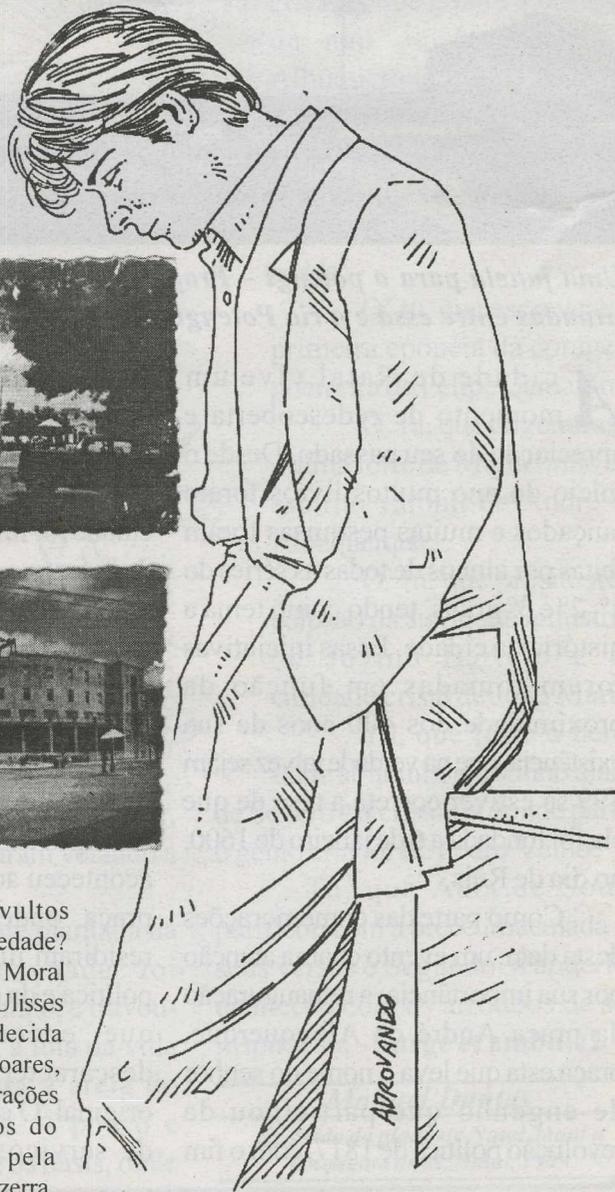
E os vultos ilustres, os ilustres vultos circumspectos de sua sociedade? NATAL deu o exemplo da Moral na vida ilibada do católico Ulisses de Góes; sendo engrandecida pelo Civismo de Luiz Soares, civismo tão salutar às gerações meninas dos Escoteiros do Alecrim; e, também, pela Pedagogia de Severino Bezerra, dirigida à Criança, esperança da Pátria.

E os saudosos sacerdotes arrebatados aos Céus? Miguelinho, revolucionário heróico, entregando a vida pela Verdade; João Maria, o Santo da Caridade, curando através dos milagres, aos apelos da Fé. E o Padre Luiz Monte, filho da Sabedoria, falando-lhe dos mistérios de Deus e dos mistérios dos homens!

Qual a participação do velho Atheneu de Humanidades? Alvarar Furtado de Mendonça despontando a sua eloqüência erudita. Antonio Pinto de Medeiros, com sua irreverência indomável, arrebatando a mocidade pelo seu talento

literário. Celestino Pimentel, o Diretor cioso do dever e da disciplina. E Floriano Cavalcanti, iluminando as inteligências jovens com sua cultura histórica, filosófica e jurídica.

Que dizer do estoicismo ético, da judicatura sábia e da grandeza humana de Seabra Fagundes? Ou, a postura ímpar do



Juiz Edgar Barbosa, que ao prolatar a sua Sentença engastava o rubi do Direito numa peça literária?!

A formosa NATAL, morada do Sol e do Mar tropical - imagem de eternidade, encanto de luz e de clima, tem enfeitado a todos que a visita; tudo fazendo crer, que os espelho trêmulo das águas de suas praias reflete a imagem de Aspásia, a bela e culta hetaira grega que, mesmo na velhice, atraía a mocidade de Atenas para contemplar a sua beleza.

Jurandir Navarro*

(*Advogado)

UMA JANELA PARA O POTENGI



Uma janela para o potengi – Proposta de retirada das casas lindeiras à praça André de Albuquerque, situadas entre essa e o rio Potengi, na quadra que fica defronte a matriz.

A cidade de Natal vive um momento de redescoberta e apreciação do seu passado. Desde o início do ano muitos livros foram lançados e muitas pesquisas foram feitas por alunos de todas as séries do 1º, 2º e 3º graus, tendo como tema a história da cidade. Essas iniciativas foram tomadas em função da proximidade dos 400 anos de sua existência, que na verdade talvez sejam 399 se estiver correta a tese de que ela foi fundada a 6 de janeiro de 1600, no dia de Reis.

Como parte das comemorações desta data, um evento chama atenção por sua importância: a reinauguração da praça André de Albuquerque, praça esta que leva o nome do senhor de engenho que participou da revolução política de 1817, com o fim

de libertar a capitania das amarras lusitanas. Reinaugurá-la é sem dúvida uma grande iniciativa, pois a praça que é o lugar onde objetivamente a cidade foi fundada, há muito estava decadente.

Não há como dissociar, porém, essa decadência a uma política de preservação mal encaminhada ou inexistente, pois em Natal, infelizmente, pouco se fez em respeito à sua memória urbana. Um exemplo desse desrespeito é o que aconteceu ao casario edificado na praça, onde até a década de 60 residiram ilustres personagens da política e da economia natalenses e que encontra-se totalmente descaracterizado de sua feição original. O comércio e a prestação de serviços ali instalaram-se

definitivamente porque os antigos moradores não suportaram o trânsito pesado que ali começou a trafegar no início da década de 70. Casas como a de Felinto Manso Maciel construídas no início do século XX e outras do século passado simplesmente desabaram ante a indiferença do poder público. Por sua vez o cidadão pouco ou nada faz, acreditando que esta era uma seqüência natural do desenvolvimento urbano.

É preciso repensar a cidade de Natal, assim como é preciso considerar as paisagens natural e edificada dentro do contexto da qualidade de vida. Memória e paisagem urbanas parecem coisas sutis e até irrelevantes para alguns, mas elas têm a ver diretamente, entre

*Seja inteligente,
Seja Intelecto!*

INTELECTO
Colégio e Curso

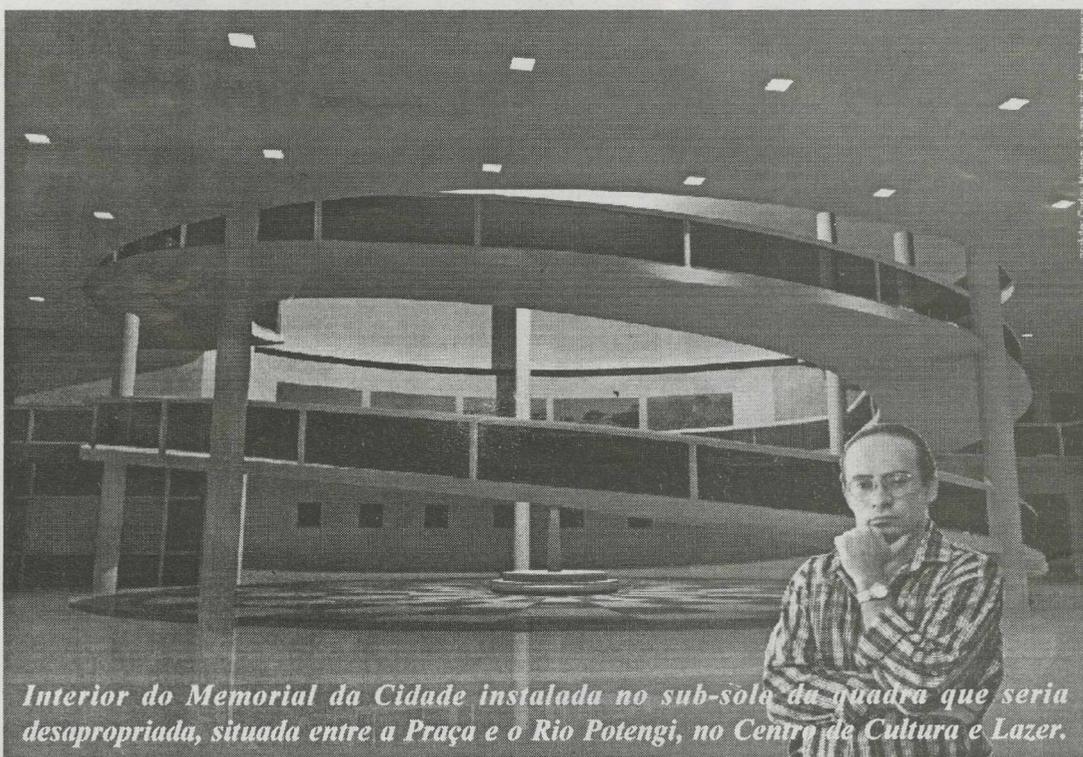
Um investimento de qualidade
Rua Adauto Aurélio da Fonseca, 183 - Conj. Montebello
Natal/RN - Fone: 217-9699

CDF **CASA DO FERA** **COLÉGIO E CURSO**

Quem aprende não esquece

Av. Deodoro, 907 - Centro - Natal - RN
Av. Prudente de Moraes, 2124 - Tírol - Natal - RN
Fones: 211 6607 / 222 7097

outras qualificações, com a identidade do lugar. Até mesmo a badalada indústria do turismo aqui instalada precisa do respaldo desses dois itens para manter aceso o interesse das populações que para essas plagas se deslocam, ávida de curiosidade. Aqui, no entanto, cabe uma pergunta: de que forma os empresários do parque hoteleiro, beneficiados com o que a cidade lhes oferece, têm



Interior do Memorial da Cidade instalada no sub-solo da quadra que seria desapropriada, situada entre a Praça e o Rio Potengi, no Centro de Cultura e Lazer.

contribuído para a memória e paisagem urbana de natal?

Desde o ano de 1997, uma proposta que sugere a transformação da praça André de Albuquerque e seu entorno em um centro de cultura e lazer tem sido elaborada por este autor, e apresentada a diversos órgãos da administração municipal. Essa proposta é fruto de anos de pesquisa e define três iniciativas para a revitalização da área.

- Instalação de edificações voltadas para a cultura e o lazer (Teatro André de Albuquerque para grupos amadores e Memorial da cidade).

- Retirada do trânsito de veículos do nível da praça,

passando este para um pequeno túnel sob a rua André de Albuquerque, transformando a rua em um "Boulevard".

- Resgate da imagem do rio Potengi através da demolição do trecho de casas defronte à matriz e que se encontram totalmente descaracterizadas como já foi dito.

A simples desapropriação das cinco pequenas casas de comércio ali instaladas, traria de volta uma parte da visão que se tinha quando da fundação da cidade ou quando a Casa de Câmara e Cadeia foi demolida em 1911: o Potengi e sua paisagem colossal com o pôr-do-sol banhando de ouro o rio e a praça André de Albuquerque.

Em 1999, foi lançado um

concurso para a reforma da praça André de Albuquerque e o grupo vencedor, ao qual este autor faz parte, incorporou a idéia do resgate da imagem do Potengi, introduzindo-a no contexto da praça, incluindo essa proposta como recomendação de projeto.

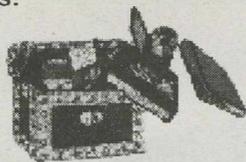
Não seria esta outra grande iniciativa para ser inaugurada durante as comemorações do descobrimento do Brasil?

Carlos Henrique Nogueira de Lucena

** Carlos Henrique Nogueira de Lucena é Arquiteto e Urbanista e estará lançando o livro "Uma janela para o Potengi", que conta à história da praça André de Albuquerque, provavelmente em março, durante o aniversário do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.*

S E B O CATA LIVRO

Compra, venda e troca de livros, discos, cd's, videos e cassetes usados.

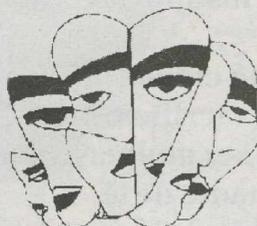


Matriz na Rua da Conceição, 617,
Filial na Vaz Gondim, 816, Centro-Natal

Sebo Espaço 104

**Vende-Compra-
Troca de Cd's -Livros-
Revistas**

Rua Vigário Bartolomeu,
nº 594, Sala 108 ED.Ouro
Center - Centro- Natal/RN
Fone: 221-3717/987-8551



NATAL CIDADE

Para Eugênio Cunha

Esta cidade me deixa louca
com a água batendo sem sossego
nas costelas magras
incendiadas pelo sol

Fede a peixe podre e sal
o dique onde me arrancho
quando o dia termina
e o vento escoceia nas dunas
os caranguejos que fogem dos mangues

Esta cidade me deixa louca
quando procuro o porto
barcos por onde entraram
os sofrimentos da guerra:
vieram os brancos
vieram os negros
meteram os índios
na bagunça sem par
das nossas matas
restei eu, velha guerreira
pelo uso excessivo das paixões...

Esta cidade não me ama
por isso fico louca
quando escuto os sinos
na alegria festiva
do encontro a que não vou

Pupila arregalada
pela espora louca
do sol que nos devora
crio cascas, carapaças
minhas muralhas despencam úmidas de salitre...

Da rua do fogo
onde me pariram
ao pátio das freiras
onde me criei
pingo numa vazante
infinda e marcada
pelas veias roxas
da insuportável solidão

Esta cidade me desgasta, me mata
no sacrifício incruento
de ser mulher-cidade
amante de fé
estátua de vento.

Diva Cunha